

Em 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas fez História. Não só pelos resultados alcançados, mas também por toda a sua postura no acto libertador. Com efeito, os militares de Abril agiram sem pensar em recompensas. Ao avançarem, sabiam que punham em risco a sua vida e a sua carreira. Mas avançaram, porque constituem uma geração de ruptura. Agindo com o sentido de reabilitarem a sua instituição e a si próprios, os militares de Abril rompem com o passado.

Assumindo uma posição de profunda dignidade, os militares de Abril agem com enorme coragem pessoal e histórica.

Arriscaram tudo, sabendo que tudo arriscam, porque reconhecem, em consciência, ser necessário colocar Portugal na corrente da História.

Mas fazem-no imbuídos de princípios fundamentais, lutando por valores e nunca por interesses. Valores onde o da liberdade ocupa lugar cimeiro. Liberdade, como essência dos valores do homem, na sua vertente individual e colectiva, mas também na dos povos. Por isso, recuperando para os portugueses os direitos, as liberdades e as garantias, construindo com tolerância a democracia, colocaram como fundamental a libertação dos povos colonizados, forçando a descolonização e ajudando à independência.

Com a liberdade como referência, os militares de Abril avançaram para a institucionalização da democracia, não como um fim mas como um meio para alcançar a igualdade e a justiça social.

O 25 de Abril ficará na História de Portugal como o dia em que os portugueses ganharam a liberdade, deixaram de ter medo, passaram a acreditar em si próprios e na sua capacidade de transformar a vida, de afrontar inimigos poderosos e de abalar esquemas que pareciam e se julgavam inexpugnáveis.

Dessa maneira, a sociedade portuguesa organizou-se democraticamente e o Estado assumiu o seu verdadeiro papel de poder regulador, com capacidade para defender o cidadão.

A sociedade portuguesa, democratizada, desfez assimetrias e desigualdades no campo interno e Portugal abriu-se ao mundo e estabeleceu relações com todos os povos.

Como consequência, os portugueses abriram-se à cultura, ao conhecimento, reaprenderam o caminho da cidadania activa e da luta por ideais, aprenderam a conjugar a coragem com a solidariedade, a não aceitar como inevitável as injustiças, a acreditar que é possível vencê-las e abrir novos caminhos.

O 25 de Abril, pelas suas características, foi verdadeiro exemplo de generosidade, de dignidade e de coragem e, por isso, constituiu-se em pioneiro de outras experiências de liberdade.

Momento alto da nossa História, a Revolução dos Cravos foi um momento importante da nossa caminhada, mas não foi o fim da mesma. Esta continua e certamente novas etapas gloriosas se viverão ainda. Por isso, por mais orgulhosos que estejamos por, há 25 anos, termos substituído o fascismo pela democracia, não podemos ficar cegos e indiferentes perante os muitos problemas que continuam a existir. Onde neste momento assume primordial importância a situação em que nos colocaram, impondo-nos uma guerra que não queremos, que não se enquadra no espírito do 25 de Abril e a que se impõe pôr termo. Como igualmente se impõe ajudar o povo mártir de Timor a alcançar a sua independência, pondo fim à repressão que a besta fascista da Indonésia continua a exercer sobre ele.

O 25 de Abril faz hoje parte da nossa História e terão de ser as novas gerações a tomar nas suas mãos os destinos de Portugal. Para as suas futuras revoluções, fazemos votos de que tenham, no mínimo, tanto êxito como nós tivemos na nossa.

E, pensando no 25 de Abril, que lhes sirva a lembrança de que, por mais forte que pareça a opressão, por maior que lhes pareça a desigualdade, será sempre possível sonhar, será sempre possível tudo mudar. A História é o povo que a faz, por isso acreditamos que, com a liberdade de Abril, com o reforço dos seus valores e dos seus ideais, será possível resolver os problemas existentes, construir uma sociedade melhor e reencontrar a paz.

Viva o 25 de Abril

Viva Portugal.